

MARIA CRISTINA ELIAS ESPER

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA REFLEXÃO SOBRE O FENÔMENO DA
VIOLÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS
ESCOLAS**

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, junto ao Departamento de Planejamento e Administração Escolar da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da Professora Doutora Araci Asinelli da Luz.

CURITIBA
2003

MARIA CRISTINA ELIAS ESPER

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA REFLEXÃO SOBRE O FENÔMENO DA
VIOLÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS
ESCOLAS**

CURITIBA
2003

AGRADECIMENTOS

Aos educadores paranaenses, pelo constante e incansável trabalho pedagógico, realizado por meio de ações concretas, mostrando que é possível repensar o contexto escolar mais ético e digno.

RESUMO

Analisar a questão da violência no âmbito escolar propõe perceber a complexidade das causas e as manifestações no contexto familiar e da escola. O fenômeno se alastra nas escolas implicando na produção dos saberes e da prática pedagógica transformando em palco de violência física, moral e simbólica nas relações existentes. Para compreender a problemática da violência nas escolas, faz-se necessário uma análise multidimensional à luz de seus determinantes sócio-econômicos e políticos – cultural. Portanto, a preocupação em pesquisar a temática em questão, no sentido que contemplasse as esferas da organização do trabalho pedagógico, assim adotei a metodologia da pesquisa a bibliográfica, que possibilitou desvendar e compreender as relações e contradições presentes nas práticas cotidianas, através de coleta de dados sobre artigos e situações evidenciadas nas escolas registrado no “diário de bordo”, bem como artigos publicados pelos jornais de grande circulação. Toda demonstração dos dados apresentados partem da implementação de projetos, propostas democráticas, flexíveis e continuadas, visando atender às necessidades que estão postas na realidade escolar. Partindo deste contexto sobre a prática pedagógica nas escolas, abrindo discussão para um posterior trabalho. Dados esses enfoques, concluí que precisamos de ações conjuntas para reverter este quadro nas escolas e que o ensino público necessita ser revisto, bem como a função social que a escola deve cumprir e sua capacidade para socializar os jovens no marco de valores dialógicos e democráticos.

SUMÁRIO

RESUMO.....	ii
APRESENTAÇÃO.....	01
INTRODUÇÃO.....	02
1.1 Histórico da Violência.....	02
1.2 Violência na sociedade.....	07
1.3 Qual é a violência existente?.....	09
1.4 As causas da violência.....	11
1.5 As formas de violência familiar.....	13
1.6 Violência Sexual.....	14
2 A DINÂMICA ESCOLAR.....	17
2.1 Existe violência simbólica?.....	19
2.2 Interações entre a vida familiar e escolar.....	21
2.3 Violência contra adolescentes.....	24
2.4 Os jovens Curitibanos: vítimas de violência.....	25
3. REPERCUSSÕES DA VIOLÊNCIA.....	27
3.1 Medidas contra a violência nas escolas.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

APRESENTAÇÃO

A violência na escola não pode ser analisada como um fenômeno isolado; ela é parte de um processo mais amplo, que vai além da escola, pois implica uma série de fatores que dizem respeito ao contexto social como um todo.

Os próprios debates acadêmicos sobre violências nas escolas têm variado historicamente, experimentado um interesse crescente nos últimos anos. Ainda que muito concentrado nos estudos de caso, tal crescimento, ilustrado pelo aumento de títulos neste campo, representa por si próprio um ganho da sociedade brasileira, pois o estímulo ao debate amplo gera, em última instância, uma mobilização para ações práticas que busquem concretamente eliminar as violências nas escolas no Brasil.

A sociedade brasileira, por sua vez, vem-se deparando com o aumento da violência nas escolas, sendo diversos os episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos atores da comunidade escolar.

Em um mundo onde a dimensão econômica subordina todas as demais, a concepção de cidadania parece coincidir com a de consumidor-empREENDEDOR, desvirtuando-se, assim, seu sentido profundo e potencial utópico, para transformação de uma sociedade justa, democrática e solidária.

INTRODUÇÃO

O aumento da violência está relacionado à questão de pobreza de um país. Contudo, considerar a pobreza e a miséria como as únicas causas da violência, é, no mínimo, uma análise reducionista e simplista da questão. Para ilustrar, como explicar, então, os casos de jovens, filhos das famílias favorecidas economicamente que cometem crimes? Os casos mais recentes, tais como os dos jovens que puseram fogo no índio em Brasília, ou o do jovem filho de um renomado político que atropelou e matou um homem sem prestar atendimento adequado, como podem ser explicados? Manifestações como estas nos levam a afirmar que o fenômeno da violência se relaciona a um processo social amplo e complexo.

Visando proporcionar uma melhor compreensão do tema, o trabalho pesquisado foi dividido em três sub-itens, sendo abordado no primeiro a compreensão da violência num contexto histórico. Depois, uma ênfase da violência na sociedade atual, fazendo uma retomada das situações agravantes na vida das pessoas, tendo por base notícias veiculadas na mídia impressa(jornais e revistas).

No segundo capítulo foi examinado o ambiente das escolas, desde seu entorno, com caracterização presente na estrutura física dos prédios, enfocando o adolescente da cidade de Curitiba e os aspectos evidenciados de uma violência simbólica.

No último capítulo, apresenta-se um estudo aprofundado dos motivos pelos quais escolas viabilizam projetos educacionais voltados para minimizar a violência.

Possibilitar a discussão sobre a problemática da violência no contexto escolar, certamente desencadeará um repensar da função da escola numa perspectiva de construção de uma sociedade voltada à produção e/ou superação das situações.

1.1-HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA

A reflexão sistemática sobre as relações sociais entre os homens, constitui uma perspectiva histórica de sociedade produzindo elementos que permeiam a compreensão do homem que interfere na produção da realidade humana e histórica.

Esta premissa de que a violência decorre de fatores emocionais, com condutas que

interferem o aspecto social. As leituras que deram suporte para este estudo sobre a violência escolar foram principalmente de pesquisador francês, Éric Debarbieux (1990, 1996, 1998, 1999) Esse autor têm tomado como referência as idéias de Norbert Elias (1996) a respeito do processo civilizador, quando denominam as pequenas violências ou as pequenas agressões do cotidiano que se repetem sem parar, a falta de polidez, a transgressão dos códigos das boas maneiras ou da ordem estabelecida, de incivildades, para efeito de distinção das condutas criminosas ou delinqüentes.

Entretanto, a violência, no seu significado histórico, tem um valor positivo. À medida que o processo de constituição da civilização implicou em “uma grande mudança na conduta e nos sentimentos humanos”, estabelecendo um tipo de autocontrole que cada vez mais inibia “impulsos e emoções mais animais”, este processo civilizatório de auto-repressão foi acompanhado por um outro que concorria para a monopolização da força pelos agentes políticos. “Ao se formar um monopólio da força, criam-se espaços sociais pacificados, que normalmente estão livres de atos de violência.”(ELIAS,1990,p.198).

Conforme o exposto isto, implica assumir uma concepção transformadora nas relações que se estabelecem entre os homens em sociedade, num esforço coletivo de organizar um modelo ideal voltado aos princípios humanos.

Ressaltando que a violência mencionada teria, para homens, um significado positivo, “(...) há uma violência salutar, desafiadora, intempestiva, irresponsável, lúdica e, freqüentemente transgressora que pertence por direito ao adolescente enquanto ser imaturo e rápido processo de crescimento”(FIGUEIREDO, 1998, p.54).

Certamente, na relação humana, o caráter de conservação de uma sociedade organizada de forma individual, torna-se um processo lento e desigual incapaz de ultrapassar os limites da superação para construção do coletivo. Para ilustrar, temos a escola como uma das instâncias que procede à mediação entre a produção da realidade e a prática social global, retomando os fatos históricos que marcavam determinada época.

No século XVIII, começou a definição da grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: (...)”filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano, alinhamento das classes e idades umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade

crescente.”(FOUCAULT, 1987, p.126.)

A escola estava articulada aos métodos e meios coercitivos e punitivos adotados pelo poder público na repressão da delinqüência, em função de alunos impossibilitados de reproduzir a ordem pré-estabelecida.

Foucault aborda esse grave problema que a sociedade humana e as autoridades públicas sempre tiveram que enfrentar a: criminalidade e a violência. Sendo criadas em determinada época leis que serviam, para punir de diversas formas, as pessoas que obtiverem atitudes fora daquela determinada conduta, portanto a violência física com o suplício do corpo, tendo como salvação a recuperação no sentido de integração voltada para a docilidade e a utilidade na própria sociedade.

Isso resulta na dimensão de uma sociedade voltada à manutenção da realidade posta, sendo encarados os problemas existentes de violência de forma inquestionável e aceitável pela humanidade.

Voltando às idéias sistematizadas de uma sociedade dentro do espaço escolar, (não levando-se em conta a dimensão propriamente cultural existente nos mecanismos de reprodução escolar das desigualdades sociais), torna-se forçoso admitir uma série de pressupostos inaceitáveis tipo naturalista com a questão da violência na escola. Conforme Pinto, em uma das suas obras, explica: “Foi o repúdio dessa ideologia que levou a explorar outras vias conceituais e a elaborar um conjunto de noções particularmente a de “violência simbólica” que permitisse conceber modo relativamente autônomo os fatores não-econômicos da excelência escolar que pressuponha, entre outras coisas, relacionar as propriedades do trabalho escolar...”(PINTO, 2000, p.92).

Semelhantemente, para explicar a violência simbólica no contexto escolar, faz-se necessário entender a dimensão histórica do homem na sociedade e sua linguagem representativa, bem como a criação de símbolos, e especificidade das palavras no contexto social para processo de comunicação no meio social.

Dentro do ponto de vista da filosofia analisada, “A linguagem é, assim, um dos principais instrumentos na formação do mundo cultural, pois é ela que nos permite transcender a nossa experiência. No momento em que, doamos nome a qualquer objeto da natureza, nós o individualizamos, o diferenciamos de resto que o cerca: ele passa a existir para a nossa consciência.(ARANHA, 1993, p. 29).

Certamente a linguagem, numa concepção histórica, representava a possibilidade de

apropriação dos fatos humanos gerados no interior da prática social, podendo ser empregado com elementos de ordem punitiva, reforçando um ser humano incapaz de se posicionar frente a determinadas situações.

Um exemplo disto é o artigo “O mal-estar da civilização”, publicado em 1930, onde Sigmund Freud descreveu pela primeira vez o conflito existente entre nossos impulsos animais e a repressão desses impulsos pela vida em sociedade. Partindo desse contexto, Freud determina uma sociedade que contribui para a manutenção da ordem vigente, gerando conflitos nos diversos segmentos, sem a devida compreensão de fatos existentes.

Numa perspectiva histórica, a questão da violência era tratada de acordo com o momento vivenciado pela sociedade, de forma isolada e fragmentada e não sendo vista na sua totalidade. Para ilustrar a atualidade, a medicina aponta em uma revista: “É preciso reconhecer que existem umas séries de outros problemas psíquicos que podem levar alguém à violência, que não se enquadram nem na doença mental nem na sociopatia”, diz o psiquiatra José Cássio do Nascimento Pitta. (CAVALCANTE, 2002,p.78)

A ciência, nos últimos anos, vem se aprofundando em estudos referente as pessoas que não conseguem conter o impulso violento, encaixando-se num quadro preocupante e com atitude que se aproximam do instinto animal.

Depois disso, outro ponto polêmico que divide os especialistas, é o papel da pobreza na formação de assassinos frios. “Ela pode até não explicar todos os casos, mas é claro que existe uma relação, mesmo que indireta”, afirma o psiquiatra do Instituto de Medicina Social e Criminológica de Estado de São Paulo (IMES) Marco Antonio Beltrão. (CAVALCANTE, 2002, p. 76)

Em regiões pobres, há mais famílias desestruturadas, mais abuso e violência infantil e, conseqüentemente, mais “assassinos frios”. Certamente o fator determinante está relacionado às condições socioeconômicas de um país, que se refletem nas relações dos homens, sendo vítimas de atos agressivos tanto físicos quanto morais.

Existe violência nos lugares de precárias condições para sobrevivência, desencadeando atos violentos, por outro lado, a classe social favorecida apresenta situações da mesma problemática, só que com enfoques de interesses antagônicos.

Dentro da circunstância histórica, o homem vem buscando, no decorrer da sua existência, conquistar o poder com possibilidade de garantir condições sociais dignas e justas para sua

atuação na sociedade. Num enfoque mais amplo, explica o psicólogo Antonio Carlos Amador Pereira, da PUC de São Paulo “Viver numa sociedade que celebra o consumo e se sentir excluído dessa festa é claro que torna uma pessoa muito mais vulnerável ao ódio e à violência. (...) Por que você acha que alguns seqüestradores vão direto a um shopping Center depois que recebem o resgate?” (SUPERINTERESSANTE, 2002, p.78)

Mediante o fato evidenciado a sociedade capitalista possibilita a existência material, na busca constante em consumir, como processo de interação social, impulsionando ao reconhecimento do homem na sua totalidade a partir dos bens adquiridos.

Outro exemplo disto, por parte dos jovens excluídos: a sensação de poder. ”Com uma arma na mão, uma pessoa se sente uma espécie de Deus, com o poder sobre a vida e a morte de outro ser humano(...)”É preciso que a violência deixe de ser encarada como a única forma, ainda que breve, de viver intensamente”.(PEREIRA, in: SUPERINTERESSANTE, id.ib).

Dentro da relação de poder no contexto social, a criação do coletivo tem como objetivo, reforçar a existência do grupo organizado, atingindo os resultados rapidamente.

De acordo com a professora de Antropologia Márcia Regina da Costa, da PUC de São Paulo, especialista em violência de gangues, esse potencial pode variar de um comportamento agressivo no trânsito, uma briga de torcidas até um assassinato. “A violência é como uma espécie de arquivo de computador não–executável” diz a antropóloga. “Assim como em outros animais, a violência faz parte do ser humano.” (SUPERINTERESSANTE, 2002, P.75)

Apontar a questão da violência com enfoques diferentes se faz necessário, para compreender melhor a sociedade atual e os aspectos violentos que prevalecem nas relações sociais, principalmente as pessoas desde a sua infância, constituindo indivíduos ou sujeitos com reações psicológicas e aptas, principalmente, a reproduzi-las.

Além de psicopatas, assaltantes, assassinos, existem pessoas ditas “normais” nas quais a honestidade e a integridade aparentes encobrem uma valência relacional violenta, oculta e inconsciente, mascarada no cotidiano das relações sociais e interpessoais aceitáveis e respeitáveis, mas opressivas e danosas a outras pessoas: violentas na sua essência. Para melhor entendimento desta questão, “A razão para tentar compreender a violência através da psicanálise está justamente no fato desta violência ser oculta, fugir a consciência da maioria das pessoas e, principalmente, pelos seus determinantes intrapsíquicos se constituírem através de ideais, crenças, valores, justificativas e racionalizações internalizadas em tal nível de inconsciência que

escapam totalmente a percepção.” (CAVALCANTE, 2002 p. 75-78).

A violência tem que ser desmistificada em nossa sociedade, na tentativa de resgatar o contexto histórico, para melhor compreensão de fatos e acontecimentos evidenciados na atualidade.

1.2 VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE

Pesquisas realizadas no Brasil vêm apontando o quadro agravante nos últimos anos, no que diz respeito ao aumento da violência na sociedade, nas diversas situações, desencadeando problemas de ordem social.

Os problemas sociais derivados da hegemonia do mercado neoliberal, ou seja, uma brutal concentração de terra, de renda, os problemas de desemprego, a precarização das relações de trabalho aliados às condições mínimas de vida, tudo isso faz aumentar os índices de violência.

Enfatizando a violência urbana existente em todos os tipos de sociedade que se desenvolve a partir do fenômeno da metropolização, que concentrou grandes contingentes populacionais em torno de um mesmo núcleo de produção e serviços prestado a sociedade desencadeando diversos problemas sociais como; desemprego, violência, exclusão social, moradia e outros.

O problema apresentado tende a se agravar, seguindo as diferentes organizações sociais, dependendo ainda da intensidade da crise que uma determinada sociedade pode atravessar no decorrer dos anos, acirrando as contradições existentes e distribuindo de forma desigual bens e oportunidades e promovendo o rompimento de valores básicos necessários ao ser humano.

Retomando as raízes históricas que não derivam necessariamente do que denominamos hoje de globalização e mundialização, mas são causas derivadas da grande concentração de renda e de terras da impunidade, destinado para uma minoria da população brasileira.

Para ilustrar a globalização existente no contexto urbano desencadeando outros problemas sociais, a cidade de Curitiba denominada “capital social” se depara com esta realidade no que diz respeito a criminalidade.

Crimes cresceram 62% em um ano. Exclusivo relatório reservado do governo expõe quadro preocupante da violência no estado. Em Curitiba em 2000 foram 5.036 crimes contra a pessoa e, em 2001 o número saltou para 8.205.

Neste ritmo, a cidade de Curitiba já ultrapassa a Colômbia em relação a criminalidade estamos quase nos igualando a cidade de São Paulo, logo alcançaremos a capital do Rio de Janeiro e, depois, chegaremos a uma Bósnia. Assim a imagem apresentada difere de realidade de uma cidade social, que vêm atendendo as expectativas das pessoas que vivem nela.

Como não ter medo? Cada um de nós ou de nossos amigos já foi atingido por esta violência que transformou as cidades brasileiras em autênticos barris de pólvora prestes a explodir. As casas se transformam em verdadeiras fortalezas de muros, grades e guaritas, ameaçadas permanentemente pelo ataque de um exército inimigo. A ameaça já se incorporou ao nosso cotidiano, condicionou nossos hábitos de viver, conviver, trabalhar, passear, e nos tornou vítimas permanentes de um perigo cada vez mais próximo, mais real.

Indicadores apontados pela Unesco mostram que, se a taxa de homicídios por 100 mil habitantes cresceu no Brasil, de 20,9% em 1991 para 27,0% em 2000 (incremento de 29,4%), esses números não se distribuem igualmente pelo território nacional: eles são maiores em certos estados, como Pernambuco, Rio de Janeiro e Espírito Santo (em torno de 50 por 100 mil habitantes e nas capitais, onde o crescimento foi 58,9%).

A sensação de insegurança invade a vida das pessoas que tem que se deparar com esta realidade tão aterrorizante, elas estão inseridas neste contexto e os jovens são um dos grupos mais atingidos. O mapa da violência no Brasil, divulgado pela UNESCO em 2001, traz estatísticas preocupantes quanto à evolução das taxas de homicídio entre a população, atingindo sobretudo os jovens na faixa etária de 15 à 25 anos.

O levantamento adquire maior gravidade em Curitiba. Embora não esteja situada no grupo das cidades mais expostas, também não se encontra entre as capitais mais seguras: aqui a taxa de óbitos por homicídios em pessoas jovens expandiu de 28,3% em 1991 para 54,85 em 2000.

Nesta perspectiva de insegurança que vem desencadeando “a violência gera o medo, mas este gera igualmente a violência, numa escala que pode chegar ao grau de psicose coletiva”. (CHESNAIS, 1999)

Situações como estas apresentadas em dados estatísticos, vêm gerando cada vez mais insegurança nos jovens apontando indicativos de um futuro inseguro e sem expectativas de um mercado que atenda as suas aspirações.

Teve-se 29% dos policiais da cidade do Rio de Janeiro buscando traficantes para

solucionar o caso do jornalista Tim Lopes que desapareceu na noite de dia dois de maio de 2002, enquanto fazia uma reportagem na Vila Cruzeiro. “As pessoas estão com medo da noite. A gente fala que a polícia está trabalhando, mas a população não acredita. Essa operação é para mostrar que a polícia está combatendo a violência” afirmou Zaqueu Teixeira. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2002, p.01)

Casos como este assusta toda a população brasileira, que sofre de uma violência no próprio ambiente em que vive, sem garantia de sobrevivência, onde a lei prevalece para alguns, mas grande parte não está envolvida.

Realizar uma retomada dos fatos violentos que ocorrem com a população brasileira nos diversos segmentos, e procuramos entender como esta violência vem sendo exposta para as pessoas e os impactos causados na sociedade. A análise da violência vivenciada abre discussão para entender qual a dinâmica que ocorre neste contexto.

1.3. QUAL É A VIOLÊNCIA EXISTENTE?

As ações caracterizadas relativas às manifestações de violência abarcam freqüentemente uma gama grande de comportamentos. No entanto, em geral, identifica-se violência com criminalidade e/ ou agressão física.

Portanto existe uma abordagem tão abrangente da violência, que o aspecto de comportamentos percebidos como violentos, se ampliam significativamente. Desta forma, diluem-se as fronteiras que permitiriam distinguir uma situação de violência de outra, não incluída na mesma categorização, apesar de se reconhecer a existência de elementos comuns entre ambas.

Partindo desse pressuposto, é importante que nos detenhamos um pouco sobre o significado do termo violência.

No dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986), encontramos a palavra violência assim definida: “ qualidade de violentos; ato violento, ato de violentar; constrangimento físico ou moral. Uso da força; coação” (BOTTOMORE, 1988 ,p.1779)

Nesta perspectiva, a violência está intimamente unida à coação e ao uso da força no plano físico ou moral. Uma outra aproximação a este termo é a que apresenta o Dicionário de pensamento Marxista (1988): ”Por violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou

grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). Para que haja violência é preciso que a intervenção física seja voluntária (...) A intervenção física na qual a violência consiste tem por finalidade destruir, ofender e coagir (...) A violência pode ser direta ou indireta. (BOTTOMORE, 1988 p.1291).

Nesta abordagem a terminologia da palavra “violência” ultrapassa o limite da agressão física para entrar no caráter psicológico e moral. Assim, existe uma violência mascarada desencadeando conseqüências agravantes na vida das pessoas e juntamente no grupo.

Neste sentido a marca constitutiva da violência seria a tendência à destruição do outro, ao desrespeito e à negação do outro, podendo a ação situar-se no plano físico, psicológico ou ético. O ambiente escolar reforça determinadas situações corriqueiras, como enfoque principal da existência de atos agressivos.

Certamente as escolas refletem situações agressivas que ocorrem fora do espaço escolar. Um motivo para isto é o envolvimento e a preocupação de outros segmentos da sociedade que procuram minimizar os problemas com os quais a população vem se deparando.

Uma outra definição de violência, nos apresenta o professor da USP, Ives, com o texto: Dimensões psicológicas da violência: “Que a palavra violência remete a toda e qualquer ação que coage uma pessoa ou um grupo de pessoas, que transforma em objeto ferindo-a, matando-a, humilhando-a, ou obrigando-a agir contra a sua própria vontade “(IVES, 2002 p.20,).

Nessa abordagem a violência não é decorrência da falta de regras ou até mesmo ausência de projetos de vida: ela é decorrência dos valores existentes na construção da identidade. Então, desencadear alguns princípios notáveis na sociedade, possivelmente com um sentimento de vergonha seria decorrente das atitudes consideradas pacíficas.

Os programas existentes para combater a violência proporcionam orientações baseadas no respeito, mútuo e na confiança, no sentido de minimizar a problemática e não na compreensão teórica dos problemas da violência e o conhecimento de estratégias para mudança.

Para ilustrar temos a polícia comunitária, como o próprio nome diz, é a aproximação do policiamento com a sociedade. O intuito do projeto é fazer com que os moradores tornem-se parceiros ativos da polícia, fornecendo o material mais eficiente aos órgãos de segurança pública, a informação.

As ações organizadas pelos órgãos policiais visam conter de modo racional todas as irregularidades que ameaçam os costumes ou a tranqüilidade social. Assim acreditam na

construção de projetos onde a própria comunidade faça parte envolvendo-se na solução dos problemas que invadem o espaço familiar.

Ainda que presente em todas as sociedades, a violência não é um aspecto inato ao homem, ou seja, acompanha a evolução humana, sendo um dos problemas marcantes da sociedade, quer seja nos fatos divulgados do cotidiano ou dados estatísticos, bem como, a sensação de indignação que se propaga ou a naturalidade dos fatos evidenciados neste contexto social.

Como referência dos dados, Morin destaca: “O século XX foi o da aliança entre duas barbáries: a primeira vem das profundezas dos tempos e traz guerra, massacre, deportação, fanatismo. A segunda, gélida, anônima, vem do âmago da racionalização, que só conhece o cálculo e ignora o indivíduo, seu corpo, seus sentimentos, sua alma, e que multiplica o poderio da morte e da servidão técnico-industriais”. (MORIN, 2001, p.10)

A sociedade brasileira é permeada por uma inegável violência estrutural, manifestada em um quadro de injustiças sociais, disparidades econômicas, exclusão e falta de oportunidades, que afeta a maioria da população brasileira, embora busque ocultar sob a aparência de naturalidade ou inevitabilidade. Violência é um ato de brutalidade, servícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror.

Uma aproximação a esta temática da existência de atos violentos na sociedade em geral, possibilita uma discussão detalhada de fatores que apontam as causas de violência na sociedade, voltando principalmente para a instituição escolar.

1.4-AS CAUSAS DA VIOLÊNCIA

No âmbito da sociedade brasileira, têm sido cada vez mais preocupantes os níveis de complexidade e banalização da violência. Para Dimenstein (1997), fatores como polícia ineficiente ou corrupção, pobreza, má distribuição de renda, desemprego, aumento do narcotráfico, descrença na justiça, valorização dos esquadrões da morte são fortemente responsáveis pela dificuldade de erradicação da violência urbana.

Para esclarecer este ponto, o filme “Cidade de Deus” foi saudado por críticos e sociólogos como a perfeita tradução do mundo cruel de uma favela carioca, onde foram pesquisados num enfoque antropológico sobre a criminalidade e a violência, a relação de poder existente neste

contexto onde é a lei dos traficantes que prevalece. Logo o sonho idealizado pelos adolescentes é de matar o traficante atual e assumir o seu posto, permanecendo as brigas entre facções.

A própria mídia vem demonstrando esta problemática nas favelas do Rio de Janeiro, onde o luto é realizado em virtude da morte de traficante, mobilizando toda uma comunidade nos diversos espaços, sendo fechado o comércio e a até a escola daquela determinada região.

Repensando as questões e analisando as perspectivas dos que impunham armas no oriente, os integrantes da atual situação sangrenta, os jovens, são figurantes e vítimas de um conflito histórico que começou há cem anos. (Nidhal, palestino de 18 anos que vive na Faixa de Gaza, para a BBC).

Convivemos constantemente com essa realidade, a qual tem sido observada com uma certa naturalidade nos casos apontados e até mesmo de omissão da própria população que procura zelar pela vida da sua família. Contudo, considerar a pobreza e a miséria como as causas da violência, é no mínimo, uma análise reducionista e simplista.

Dentro da abordagem apontada, o crescimento da violência tem se apresentado de forma agravante no contexto familiar e no ambiente escolar, provocando uma ampla discussão sobre a lógica interna das resistências que ameaçam a dinâmica escolar.

Portanto não existe discrepâncias entre os educadores quanto aos valores que a escola deve preservar e transmitir. Lealdade, honestidade, respeito mútuo pelos outros e pelas diferenças são exemplos de atributos que a nossa cultura preza e alardeia. Logo o problema é que nossa crença nesses valores ocorre no geral e no abstrato ao passo que sua transmissão ocorre na concretude das relações cotidianas.

A isto devemos acrescentar que os valores transmitidos pela família são muitas vezes relações dominadas pela agressão, pela rejeição e pela hostilidade ou pela valorização de comportamentos agressivos que estão inegavelmente na origem das condutas violentas. Pais incapazes de oferecer uma coerência entre suas condutas e suas verbalizações, modelos ineficazes de comunicação e de resolução de conflitos e a falta de oportunidades equitativas para todos os membros da família, favorecem comportamentos que na escola se denominam de “anti-sociais”.

Nesta ótica antes de colocar a questão dos alunos que reproduzem na escola as violências e tensões do mundo exterior, precisamos entender a relação existente entre família, a sociedade no seu conjunto, mas sobretudo a escola como local de transmissão desses valores culturais. Posteriormente analisaremos as formas de violência evidentes no ambiente familiar.

1.5 AS FORMAS DE VIOLÊNCIA FAMILIAR.

A violência familiar sofrida pela criança e pelo adolescente, tem sido motivo de grande preocupação dos educadores. Apesar de estar localizada, quase sempre, fora dos muros escolares, tal forma de violência interfere significativamente no cotidiano escolar.

A etiologia da violência familiar é multifatorial e sua compreensão exige a observação das circunstâncias e do ambiente em que a criança vive. Esse tipo de violência se enquadra como universal, envolve meninos e meninas e refere-se a uma histórica violência contra a mulher nas relações conjugais. “Famílias onde há pouco debate sobre decisões, pouca interação social, poucas atividades compartilhadas, onde a disciplina é errática e, quando ocorre, é dura e ameaçadora, e onde há muita disputa por dinheiro, são famílias nas quais o risco de violência entre os pais e desses contra os filhos é mais provável.” (CARDIA, 1997, p.40-41)

A partir de relatos de alunos e educadores, bem como do resultado de diversas pesquisas realizadas pela Unesco na área, pode-se afirmar que o comportamento dos alunos na escola e na rua, assim como o seu desempenho escolar é fortemente afetado pela violência familiar.

Para Cardia (1997), “famílias onde há violência entre seus membros têm alta probabilidade de estarem socializando os filhos para a violência” (id, p.40)

Partindo destas reflexões, pode-se considerar que a família contribui para aumentar ou minimizar os efeitos da violência em outras instâncias sobre seus filhos. Castigos físicos ainda são a forma mais comum de punição utilizada pelos pais, para corrigir seus filhos. Pesquisa feita na Universidade Federal do Paraná em maio, coordenada por Weber, aponta que 89,6% das crianças e adolescentes de 4ª à 8ª séries já apanharam em casa.

Outro dado curioso revelado pela pesquisa é que, ao contrário do que se imagina, a violência não ocorre com mais frequência nas classes pobres. Na entrevista realizada professora com a Lídia Weber, essa conclusão pode ser tirada a partir dos números evidenciados entre os estudantes de escolas particulares, que teoricamente têm melhores condições econômicas, (apenas 7% disseram que nunca apanharam). Já entre os alunos de escolas municipais este percentual sobe para 13 %.

A maioria dos estudantes (92,4%) declara que o diálogo é importante para ensinar os filhos, enquanto apenas 3,45% disseram que esse recurso não deve ser usado e 4,2% não responderam. “Contraditoriamente, a maioria delas considera que a surra é um bom método

educativo”, comentou a professora Lídia em um dos jornais de grande circulação.

Tal interferência acaba por acarretar que estas crianças e jovens tenham mais problemas disciplinares, piores notas, repetências, o que, conseqüentemente, afetará a autopercepção de competência, a motivação para as atividades escolares e os vínculos entre ele e a escola.

Outro artigo publicado no Jornal do Estado do Paraná de 2002: “Pais da rede particular batem mais, nas escolas privadas, 93% dos alunos já apanharam em casa, contra 87% das públicas. Paraná é o 5º em agressão infantil na classificação em nível de Brasil”.

De acordo com a pesquisa, foi constatado através de dados estatísticos, que se apresentam outras punições físicas, independente da classe social, e que estas vem ocorrendo com gravidade acentuada.

Um dado preocupante detectado na pesquisa é com relação à gravidade dos ferimentos das crianças. Os pesquisadores verificaram que as crianças que se rebelaram contra os pais durante o castigo (61% dos entrevistados) acabaram mais machucadas. Mas quando questionados sobre a funcionalidade da punição, mais da metade dos entrevistados disseram que os castigos são importantes. Mas esclarecem que o diálogo ainda é a melhor forma de educar.

Com relação a existência de uma causa contra a violência familiar. Os maus tratos à criança representa um sintoma de disfunção familiar e não um diagnóstico.

Nos E.U.A. (1994), 3% dos pais declaram usar violência grave (soco, queimaduras, armas de fogo e armas brancas) contra seus filhos. Estudos sugerem que 1 em cada 3 meninas e 1 em cada 6 meninos, sofreram abusos sexuais (E.U.A). (PASCOLAT, 1999, p.116).

A violência doméstica contra crianças e adolescente é caracterizada pelo abuso do poder disciplina e coercitivo de pais ou responsáveis, que muitas vezes se prolonga ao longo de meses e anos, sendo uma violação dos direitos essenciais da criança e do adolescente em sua condição de humanidade. (AZEVEDO, 1997).

Este amplo e complexo aspecto de manifestação impõe a necessidade de abordar outra categoria de violência, muitas vezes ignorada e não vista e analisada na sua totalidade.

1.6 VIOLÊNCIA SEXUAL

A manifestação de violência sexual é muitas vezes ignorada, pela sociedade de forma

geral e o assédio sexual pode ter graves conseqüências sobre os jovens, criando uma cultura permissiva em que atos desse tipo não são vistos como sérios e passíveis de punição.

O Jornal Folha de São Paulo, aponta que uma mãe é acusada de prostituir filha:

“Há cerca de três meses, a denúncia de que prostituía a filha pequena chegou à delegacia por uma vizinha de E. a quem a criança contara que era obrigada a fazer com A.M.S. toda sorte de favores sexuais. Ela já perde o pátrio poder das duas filhas, não havia sido instaurado processo criminal por não haver provas suficientes de que prostituía as filhas. “Esse é um tipo de processo difícil, pois normalmente não se consegue um flagrante” (FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de junho de 2002, p. C6).

Os conselhos tutelares apontam que as causas como agressão física seriam as faltas de condições para continuarem vivendo em suas próprias casas em função da negligência familiar, sendo enquadrados como violação do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade.

Assim, os próprios pais configuram uma relação de poder entre adultos e crianças, provocando a fragilidade da auto-estima, a estigmatização, a discriminação e problemas de comportamento, apontando posturas que fragilizam a criança.

Entretanto a violência sexual contra crianças e adolescentes pelo estado, pela sociedade e pela família, requerem assumir a hipocrisia da cultura machista/ moralista/consumista/excludente que fortalece as relações de violência social e estrutural como fatores fundamentais da expansão da violência interpessoal; da falência ética e civilizatória; e do difícil caminho como garantia e defesa dos direitos de crianças e adolescentes em situação de violência sexual no Brasil, como determina o Estatuto da Criança e do Adolescente e as normativas internacionais.

Episódio no Brasil de violência contra crianças e adolescentes serviram para aumentar as estatísticas de um tipo de violência cada vez mais comum, no Brasil: a pedofilia na Internet.

O dia 18 de maio é o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, sendo um tema polêmico e delicado.

O site da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), por exemplo, mostra que o número de denúncias aumentou 73,3% entre 1997 e 1999. A entidade ainda traça um perfil das vítimas e mostra que 24,72% são adolescentes e crianças do sexo feminino e 9,74% estão entre jovens de 12 a 18 anos.

Segundo a Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF) existem 200 milhões de crianças entre cinco e quinze anos que, como condição de sobrevivência, em países como o

Brasil, a Índia, a Tailândia e também os Estados Unidos, a Grã – Bretanha e Alemanha, se submetem a serem escravas da prostituição, trabalho penoso, do tráfico, do alistamento militar obrigatório, entre outras formas de violação dos direitos da criança, conforme apregoa o Estatuto da Criança e do adolescente. (TONIN, 1996, p.9)

A existência de aliciadores nos diferentes locais, demonstram outro lado da impunidade na sociedade, sendo crianças e adolescentes vítimas de um crime organizado.

Sendo apresentado um mapeamento de como funcionam as redes de tráfico de mulheres no país, esse mapeamento mostra que o Brasil é um dos maiores exportadores de pessoas para o mercado de sexo no mundo “, diz Maria Lúcia Leal, coordenadora técnica do estudo e professora da UNB (Universidade de Brasília, 2001). (FOLHA DE S.P, 2002, p.8)

Pelos dados apresentados cada vez é mais freqüente o fato de crianças chegarem à escola vítimas de violência familiar. São diversos os fatores que podem estar relacionados a esta manifestação de violência, com aspectos de famílias sem uma estrutura para orientar um filho.

2. A DINÂMICA ESCOLAR

A educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Logo, a escola possibilita a mediação em cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, preparando os educandos, para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social.

A escola com os profissionais que nela atuam, formam um universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como, criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e espaços interativos no contexto educacional, promovendo relações de troca e esforços partilhados na construção de soluções comuns.

Já a escola comprometida com a transformação da realidade, busca a socialização do conhecimento historicamente produzido pelo homem, permitindo assim à classe trabalhadora obter uma visão crítica da sociedade.

Temos as escolas públicas, que na sua maioria, são vencedoras de várias situação de conflito: em primeiro lugar, venceram a desnutrição, as verminoses, depois, conseguiram resistir à tentação da rua, que seduz com a ilusão de liberdade.

Ela ainda vai ter de enfrentar a violência da própria escola, muitas vezes sutilmente disfarçada, para preservar sua imagem da demolição sistemática engendrada pelo preconceito de colegas e professores. Apelidos maldosos e brincadeiras são exemplos de situações humilhantes que levam muitos alunos menos adaptados a se sentirem forasteiros rejeitados. Nos últimos anos a escola não seria mais representada como um local seguro de integração, de socialização, não seria ,mais um espaço resguardado; ao contrário, tornou-se um cenário de ocorrências violentas, sejam verbais, físicas ou simbólicas.

A escola vem destacando uma dimensão ampla na questão da violência simbólica, a qual tem como poder exercido a comunicação racional. Exemplos disso, as condenações prematuras e preconceitos se concretizam em frases como: “você não tem jeito, mesmo! “se você não aprendeu isso até agora, não vai aprender nunca!” “você, de novo ! sempre você!”

O professor precisa ter consciência de que essa relação de poder dominante se constrói no cotidiano, em cada atitude que assume em sala de aula, seus gestos, a entonação de sua voz e sua postura corporal são automaticamente constatados pelos alunos. Quanto aos professores, também

sofrem as conseqüências diretas do próprio desmerecimento do seu trabalho manifestado pelos segmentos escolares, tendo como alvo o próprio aluno.

Para ilustrar temos: “Para que o processo educacional seja bem sucedido, a relação entre professor e alunos deve ser pautada pelo respeito mútuo pela confiança dos alunos no saber do mestre e pela esperança do professor no futuro de seus alunos” (ARANTANGY, 1998 p.24).

É fato que os professores não tiveram suas técnicas pedagógicas recicladas e muitos não conseguem criar um ambiente de mais diálogo, de menos autoritarismo. Não foram desenvolvidos espaços para transformar agressão em debate civilizado.

Também é fato que a imensa maioria das escolas são antiquadas, o método de ensino ainda baseado na velha “decoreba”, as matérias fragmentadas e dispersas, sem sentido. O estudante vem do mundo em tempo real, repleto dos encantos da interatividade, e, por isso, não se deixa seduzir pela monótona falação professoral.

Professores e pais são vítimas (e produtores) de uma geração sem limites, mimada, com desejos em tempo real: quer na hora o que deseja. E frequentemente consegue. Não aprende, claro, a lidar com a frustração, a administrar a decepção, e cultiva uma crônica imaturidade.

Outro aspecto importante do ambiente escolar vem reforçando uma identidade diferenciada assumindo ares de presídio, no sentido de minimizar a violência existente fora da escola e mascarando fatos ocorridos dentro dela. Assim nesta preocupação, existem até cidades nas quais se instalaram detectores de metais nos portões das escolas.

A violência tornou-se a tal ponto rotineira, que um total de 2.500 escolas estaduais de São Paulo receberam em 2001, alarmes e câmaras. “Não me agrada a idéia de as escolas parecerem prisões, mas somos obrigados a cuidar da segurança”, justifica a ex-Secretária Estadual da Educação, Rose Neubauer em 2001 e aponta um levantamento das ocorrências de selvageria nas escolas públicas. (FOLHA DE S.P, 2002, 21 de julho)

Na opinião de Rose Neubauer, o aluno está cada vez mais agressivo e o professor não está preparado para lidar com o conflito: a depredação e os episódios de violência são a conseqüência dessa inabilidade e dessa incapacidade de lidar com a tensão.

Nem poderia ser mesmo muito diferente: escolas não são ilhas. À medida que mais crianças e adolescentes estão estudando ou, pelo menos, fingindo estudar, os educadores se vêem forçados a olhar de modo mais severo para a selvageria produzida longe das salas de aula.

A pesquisa “violência na escola” realizada entre 1991 e 2000, revela que 4% dos

estudantes vão à escola armados. O levantamento foi feito em 420 estabelecimentos de ensino públicos e particulares, de 14 estados brasileiros, pela UNESCO, por solicitação de órgãos federais de segurança e educação. Foram ouvidos 33 mil estudantes, a partir da 5ª série do ensino fundamental, 3 mil professores e 10 mil pais de alunos.

O problema da violência na escola é mundial e já vem sendo estudado nos Estados Unidos e Europa, mas nunca tinha sido abordado em profundidade no Brasil. Com o aumento da violência e até a morte dentro da escola, os governos passaram a se preocupar com o tema, disse Miriam Abramovay “Os dados dentro da escola repetem o que ocorre na rua. As escolas públicas têm problemas mais acentuados, mas surpreendentemente o número de ocorrências tem crescido nos colégios particulares, que seriam mais protegidos por segurança pública e privada”.

Assim, cabe chamar a atenção para o fato de que as violências não se resumem a uma série de dados objetivos, mas a experiências vivenciadas de formas múltiplas e distintas por aqueles que as sofrem a todo momento. Cabe ressaltar que qualquer violência destacada no contexto escolar tem a tendência de afetar negativamente, prejudicando a qualidade do ensino e aprendizagem e a sistematização coletiva de um projeto político pedagógico que viabilizem ações concretas para reverter o quadro vigente.

2.1 EXISTE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA?

A violência simbólica perpassa no contexto escolar, de forma sutil e de difícil percepção pelos próprios executores das ações realizadas, gerando um ambiente de tensão cotidiana. No campo educacional, tem passado despercebido: a violência das omissões, a qual em nome de uma absoluta espontaneidade, acabam por fazer um educador voltado à atitudes autoritárias e obsessivo pela disciplina no interior da sala de aula.

Os autores Bourdieu e Passeron desenvolveram a “teoria da reprodução” baseada no conceito de violência simbólica. Para eles, toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário. A arbitrariedade é a cultura dominante. O “poder arbitrário” é baseado na divisão da sociedade em classes. A ação pedagógica tende à reprodução cultural e social simultaneamente. Bourdieu, autor de mais de 300 publicações, figura carismática e polêmica, um dos principais cientistas sociais do mundo, foi objeto de uma verdadeira adoração por parte de estudantes e pesquisadores das ciências humanas, mas

costumava receber também críticas bem ácidas.

Nascido em 1930, Bourdieu cursou primário e ginásio num internato “rude e violento”. O autor conta ter descoberto, no internato, a opressão da disciplina, a traição e o dedo-durismo entre colegas, o sadismo dos bedéis ao exercer seu pequeno poder, as estratégias e espertezas dos internos para conseguir seu lugar ao sol e a discriminação baseada na aparência física, na maneira de falar e no sobrenome das crianças (o dele era motivo de piada por soar “caipira”. (GOLDSTEIN, 2002, p.26)

Essa confissão lança luz sobre as motivações que o levaram a lutar, ao longo da vida e da obra, contra todas as formas de dominação e de mascaramento da realidade social. Bourdieu, no livro, “A Reprodução”, de 1970 deu especial atenção o funcionamento do sistema escolar francês que, ao invés de transformar a sociedade e permitir a ascensão social, ratifica e reproduz as desigualdades.

Em especial, em Curitiba, a imagem irreal de uma cidade modelo, contribui para a violência, especialmente em sua forma simbólica, que, segundo a definição estabelecida por Bourdieu, é “uma violência terna, insensível, invisível até para suas próprias vítimas, e que no essencial é exercida sobretudo pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento” (BOURDIEU, 1998, p.7).

Os estudos relacionados à violência simbólica e à disciplinarização dos corpos e das mentes, pecados pedagógicos construídos historicamente como, as formas de organização de tempo e espaços escolares, aos métodos de ensino e às relações professores/alunos. Resultados de pesquisa sobre violência, drogas e Aids nas escolas realizada em 14 capitais brasileiras, sob a orientação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) mostraram que a desesperança de professores e alunos com o papel da escola pode ser apontada como uma violência simbólica que corre o risco de concretizar-se, ao se infiltrar nas relações entre professores, funcionários e alunos.

Voltando para dias atuais a violência deixa as escolas em pânico. A pesquisa investigou 2.351 escolas, cerca de 200 mil alunos, 19.339 professores das redes municipal, estadual, federal e particular, das zonas rurais e urbanas, das capitais e do interior de todos os estados.

A agressão física (entre alunos, professores e/ou funcionários) foi observada em 47% das escolas onde, no período da pesquisa, foi detectado o consumo ou tráfico de drogas, enquanto que naquelas onde não foi observada a influência das drogas, casos de agressão foram registrados em

apenas 24%. Agressões verbais, por sua vez aconteceram em 71% das escolas onde há drogas contra 48% das escolas onde não há consumo ou tráfico visíveis.

Recente pesquisa realizada em 2002 pela Confederação Nacional dos Trabalhadores (CNTE), mostra que a violência contra o patrimônio escolar sendo uma destruição total dos prédios, com efeitos na qualidade do ensino, é mais presente nas escolas públicas do que nas particulares.

Gerada principalmente pelo aumento da miséria social, a violência nas escolas está diretamente ligada à desagregação familiar, aos estímulos televisivos e ao incentivo da competitividade individual pelas próprias escolas.

Quando a violência é combatida com trabalho pedagógico consciente, ela diminui. As escolas que preservam espaços de convivência extracurriculares são as que têm índice de agressividade mais baixo. Portanto, investir nestas atividades também é contribuir para melhorar a qualidade de ensino.

Assim, faz-se necessário enfatizar a relação existente entre o seio familiar e a escola, como vêm se destacando essa interação e quais os entraves que enfrentam.

2.2 INTERAÇÕES ENTRE A VIDA FAMILIAR E ESCOLAR

Antes de iniciar o processo de escolarização, a criança já traz consigo uma bagagem de características pessoais, experiências de vida, capacidades desenvolvidas no decorrer da sua vida. Aqueles adolescentes cujo ambiente familiar é marcado pela violência entre os pais ou contra eles, tendem a ser agressivos em outros ambientes sociais fora de casa, principalmente na escola.

Percebendo a escola pelo mesmo contexto histórico, social e moral e pela cultura de violência evidente, muita vezes “coloca-se e é colocada como espaço isolado da sociedade, distante dos seus problemas, desenvolvendo uma pedagogia que escamoteia o conflito, que impede que as contradições apareçam, uma pedagogia que nega a realidade e que prepara o mundo que não existe, ou melhor, não prepara para o que existe.” (COSTA, 1993, p 83)

Devido a grande alienação destes fatos, o insucesso escolar pode ser a causa de comportamentos agressivos e que pode levar a grandes problemas de baixo desempenho escolar, levando os alunos a burlarem aulas ou até a invadirem a escola.

Atualmente, ao conversar com os professores nas escolas, eles revelaram a dificuldade de

ação juntos aos adolescentes quando considerado o contexto familiar no qual eles vivem. O descompasso entre a escola e a família propicia a formulação de modelos absolutamente conflitantes entre aquilo que a escola procura passar para o jovem e a realidade das famílias. A questão do exercício pleno da cidadania vem ocupando um espaço significativo na agenda dos professores, com um resultado que ainda é considerado muito restrito.

Assim, a violência encontrada nos jovens de hoje tem origem na própria família, pois a ausência ou a falta de compromisso por parte de alguns pais comprometem o atendimento dos filhos de forma errônea.

Apesar do tema ausência dos pais apresentar-se de modo recorrente na fala de alguns professores, eles constatam também que o importante é a qualidade do relacionamento, pois a necessidade dos pais trabalharem fora é um dado de nossa sociedade. Isto justamente aponta para a existência de um longo processo e da redefinição dos papéis e atribuições para romper-se definitivamente com o foco existente entre a escola e família.

Em uma das pesquisas realizadas com os adolescentes na cidade de Curitiba em 2002, os profissionais da educação constataram, que na visão dos grupos focais de pais, alguns fatores afetivos como a carência, a falta de afetividade e a falta de orientação ou também o papel da mídia estão gerando um alto grau de violência, logo, para alguns adolescentes, a violência que vem da própria casa é a pior.

Coerente com essa informação qualitativa, os dados da Secretaria Municipal de Saúde, apresentam um jovem que é sensível aos problemas familiares como fonte de violência. E tratando-se de uma cidade onde a família se organiza nuclearmente, não é de causar espécie que o jovem considere que o principal ato de violência na família seja aquele que deriva das agressões entre pai e mãe.

Os maus-tratos contra crianças e adolescentes acontecem independentemente de classe social, etnia, religião ou escolaridade dos agressores. Mesmo sendo um comportamento relativamente comum, poucos dados existem sobre o problema. Estima-se que a cada 20 casos de violência contra crianças e adolescentes, apenas um é denunciado.

Em 2002, em Curitiba, a Delegacia da Mulher registrou 29 denúncias desta natureza. Ainda na capital, de dezembro de 2001 a abril de 2002, os Conselhos Tutelares receberam 90 queixas de violência sexual contra crianças e adolescentes.

Existem diversas hipóteses para explicar as violências nas escolas, baseadas tanto na

literatura nacional ou estrangeira, recorrendo-se a múltiplas associações com características e atributos das vítimas e dos agressores, quanto a;

Gênero: constata-se que os meninos se envolvem mais que as meninas em situações de violência, seja como vítimas ou como autores;

Idade: o comportamento agressivo é associado com o ciclo etário;

Etnia: na escola se reproduzem os estereótipos étnicos dominantes, o que pode se observar em relações aos alunos de minorias étnicas e ao tratamento discriminatório por parte de seus colegas e professores;

Família: condicionantes ou antecedente de personalidades violentas, destacando alguns o que denominam de “características sociais das famílias violentas”, hipótese esta que é objeto de ampla controvérsia, sendo rejeitada por muitos autores:

Ambiente externo: as comunidades que apresentam pequenos sinais de abandono ou decadência estão vulneráveis à violência;

Insatisfação/frustração com as instituições e a gestão pública: o descaso por parte do Poder Público para com as escolas públicas, sua falta de equipamentos e recursos didáticos e a baixa qualidade do ensino em face das demandas do mercado de trabalho e das expectativas dos jovens;

Exclusão social: restrições à incorporação de parte da população à comunidade política e social como: os portadores de necessidades especiais, usuários de drogas, soropositivos, homossexuais, minorias raciais e outros.

Exercício do poder, desestímulo e má qualidade do ensino, incivilidades e discriminações estariam contribuindo para desrespeitar os direitos dos alunos à proteção e perderiam o momento pedagógico de formar contraculturas de violência; a má qualidade do ensino, a carência de recursos humanos.

Para o sociólogo Florestan Fernandes menciona que existia a necessidade urgente de identificar os problemas pela raiz, nomeá-los, combatê-los de frente, sem meias palavras, sem eufemismos, embora sempre com intenções construtivas, em ações que envolvam os sujeitos do universo escolar, autoridades, enfim, toda a sociedade, somada a uma forte preocupação de que nosso país supere, efetivamente, a situação de indigência pública de políticas específicas para a juventude.

Partindo desse pressuposto, a situação do adolescente que sofre violência no ambiente familiar, social e escolar, é a de quem vem perdendo seu referencial de cidadão atuante e

transformador na sociedade, sendo criado projetos para oportunizar a participação no sentido de intervir no contexto social posto.

2.3 VIOLÊNCIA CONTRA ADOLESCENTES

Conhecer a fase da adolescência é analisá-la na sua totalidade: “A adolescência é marcada por profundas transformações nas quais entrelaçam processos de amadurecimento físico, mental, emocional, social e moral, que são influenciados pelas peculiaridades inerentes a cada sujeito, pelo ambiente sócio-cultural e pelo momento histórico, o que torna complexa a sua delimitação ou conceituação (OSORIO, 1989; COSTA, 1999)

Existe um retrocesso na função da escola, que deveria ser um espaço educativo e integrador na transmissão de valores e de acesso ao mundo social e do trabalho. A violência parece instalar-se nos locais de ensino, pondo em questão a capacidade dos sistemas de educação para se transformarem em sistemas de integração social visando à violência.

Quando pensamos os atos de violência cujos protagonistas são jovens, devemos nos aproximar de uma compreensão daquilo que significa a violência na vida de cada um, passando a operar na construção da complexa realidade em que estão inseridos. As regras da sociabilidade, do respeito mútuo, da aceitação do outro, e investimento na auto estima, como pensa suas relações com as teorias de exclusão a até mesmo de perda de referências como cidadão e de perspectivas do futuro, tendo em vista a construção social de uma sociedade digna e justa.

A tese realizada por Luiza M.Y. Camacho, que resultou neste trabalho com os adolescentes nas escolas em Vitória. “ Envolveu os jovens inseridos na escola, com horas vagas de lazer e esporte e também com possibilidades de atender aos apelos/pressões do mundo do consumo – tão importante para ser aceito e “pertencer” a agrupamentos de caráter eminentemente juvenil. Esses sujeitos gozam do direito ao convívio com a família, à inserção na escola e de serem jovens livres da pressão da responsabilidade e da reprodução social. Por outro lado, esses jovens encontram-se à margem do centro do poder, dos limites das possibilidades de escolha e ainda submetidos à família e à escola por não serem autônomos financeiramente e não estarem aptos para o trabalho.” (CAMACHO, 2000)

Assim, os adolescentes sofrem grandes pressões no meio que estão inseridos, até mesmo sem entender a lógica das cobranças, uma vez que percebem uma sociedade desigual. A

reprodução e aceitação do fatos ocorridos levam adolescentes sem perspectiva de vida criando o desânimo em lutar pelo futuro promissor.

“Nossas reações aos acontecimentos do cotidiano são determinadas por quem e pelo que pensamos que somos. Os dramas da nossa vida são reflexo das visões mais íntimas que temos de nós mesmos. Assim, a auto-estima é a chave para o sucesso ou para o fracasso. É também a chave para entendermos a nós mesmos e aos outros. Além de problemas biológicos, não consigo pensar em uma única dificuldade psicológica – da ansiedade e depressão ao medo da intimidade ou do sucesso, ao abuso de álcool ou drogas, às deficiências na escola ou no trabalho, ao espancamento de companheiros e filhos, às disfunções sexuais ou à imaturidade emocional, ao suicídio ou aos crimes violentos – que não esteja relacionado com uma auto-estima negativa. De todos os julgamentos que fazemos, nenhum é tão importante quanto o que fazemos sobre nós mesmos. A auto-estima positiva ‘requisito importante para uma vida satisfatória’.(BRANDEN, 1998, p.9).

O fenômeno da violência na sociedade atual, tem repercussão nas grandes capitais na vida dos jovens.

2.4 OS JOVENS CURITIBANOS: VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA.

A violência agita hospitais de Curitiba nos fins de semana. Movimento já aumenta a partir das sextas à noite e segue até as segundas, sendo pior a situação no final do mês, porque trabalhadores recebem o seu salário, sendo um convite para beber mais, sendo que, 605 dos atendimentos hospitalares são decorrentes de acidentes de trânsito. Outro problema é o uso de armas de fogo.

Curitiba está entre as capitais onde a velocidade de crescimento da violência tem sido mais intensa, fazendo-se presente também no cenário da violência em suas diferentes formas. As regiões metropolitanas de Curitiba, de Belém e de Fortaleza, no Brasil são as que apresentam as maiores taxas de suicídio de jovens, por exemplo, taxa de 40,2 em 100.000 habitantes, para uma faixa etária de 15 a 24 anos, que representa perto de 29,8% de um total de 156,7 milhões de habitantes do país.

Este dado começa a ser alterado na medida em que se nota uma queda nas taxas de fecundidade e um aumento nas taxas de mortalidade dos jovens, por causas externas, principalmente acidentes de trânsito, homicídios e outras violências semelhantes, aproximando-se a 2/3 dos jovens, ou seja, 67,4% do número de jovens que morrem por causas externas.(WAISELFISZ, 1998, p.16)

A mídia nacional vende uma imagem da cidade de Curitiba como a capital de Primeiro

Mundo, o que a problemática para os adolescentes curitibanos, à medida que estão envolvidos com o crescimento da violência na cidade, fazendo reproduzir um discurso pessimista sem perspectiva de grandes mudanças.

Para ilustrar a aponta tal situação. “Parece que, nas últimas décadas, este tema tem sido um dos nossos produtos de exportação prioritário, juntamente com a corrupção, o tráfico de entorpecentes, a prostituição, a poluição ambiental, visto serem estes os temas das manchetes internacionais sobre o país.” (LUZ, 1995, p.66)

Portanto Curitiba vem sendo a capital onde está presente o cenário de violência: “As regiões metropolitanas de Curitiba, de Belém e de Fortaleza, no Brasil, São as que apresentam as maiores taxas de suicídio de jovens, por exemplo taxa de 40,2 em 100.000 habitantes para uma faixa etária de 15 a 24 anos.(WAISELFISZ, 1998)

Caberia questionar outras formas de violência existente no âmbito social, sendo uma grande dificuldade inserir no mercado de trabalho formal devido a ausência de emprego, desencadeando ao adolescente uma economia subterrânea que pode levá-lo ao caminho do crime.

Pensar num novo projeto de sociedade, em que esteja presente de forma urgente o desenvolvimento de uma nova solidariedade social, acabar com explicações demagógicas e buscar entender a questão da violência.

3. REPERCUSSÕES DA VIOLÊNCIA

Na tentativa de mapear as múltiplas repercussões da violência nas escolas e compreender as causas e processos pelos quais as escolas, se tornam um cenário de violências física e simbólica.

Condenações prematuras e preconceituosas costumam acontecer no contexto escolar, onde o aluno enfrenta a violência sutilmente disfarçada. A escola pode transformar-se num palco de agressões cruéis, com apelidos maldosos e brincadeiras que humilham os alunos, sendo marcados pelo estigma do fracasso e da exclusão social.

Quanto a qualidade do ensino e a aprendizagem, há conseqüências diretas da violência nas escolas, fazendo com que tenha dificuldades de se concentrar nos estudos, percam o ano letivo e a própria vontade de assistir às aulas, construindo sentimentos de revoltada, medo, insegurança e aversão pela escola, o que traz prejuízo ao desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Fazer a reflexão com os alunos sobre: quais os principais problemas de violência enfrentados nas escolas em Curitiba? Como a violência é enfrentada nos estabelecimentos de ensino? Será que o dinheiro da Associação de Pais e Mestres dever ser gasto em segurança? Que prioridades deixam de ser atendidas? De que maneira a falta de condições econômicas aumenta a violência? Há responsáveis pelo aumento da violência? Quem?

Na ação de marginais, os laboratórios de informática são os locais mais visados. Já os gastos com o vandalismo, avalia, Professora Alcyone Saliba, não são expressivos, mas significam “dinheiro jogado fora”. A maioria das ocorrências refere-se a quebra de vidros, pichação de muros e carteiras riscadas.

A ex-secretária do Estado do Paraná (gestão 1999-2002) aponta algumas propostas que poderiam ter sido viabilizadas na questão de segurança, porém seu cargo foi alterado antes do processo eleitoral, impossibilitando a implementação, mesmo que tardia, das ações.

Enquanto estiver fazendo a correção dos atos de vandalismo, o poder público estará deixando de investir na melhoria da qualidade do ensino, como por exemplo, a entrega de novas unidades escolares e outras melhorias em escolas já existentes.” informa Denise Oldenburg Basgal, diretora presidente da Fundepar.

Para conscientizar os alunos sobre a importância da preservação do patrimônio escolar, a Fundepar lançou o Prêmio Patrimônio Escolar que contou com a participação de 70 mil alunos de

1700 escolas.

Problema mais freqüente é o vandalismo, que parte tanto de pessoas estranhas como de alunos. Para proteger alunos, professores e o patrimônio, escolas públicas e particulares de Curitiba e Região Metropolitana estão consumindo parte de seus orçamentos com segurança.

Os problemas nascem, às vezes, dentro da escola. São os alunos com comportamento agressivo que provocam brigas. O diretor de uma das escolas comenta que os alunos estão gostando da novidade. “Eles chamam de Big Brother do Decisivo”

O filósofo francês Charles Hadji, que esteve em Curitiba em 2002 para participar do Congresso Internacional de Expoentes na Educação, afirma que a questão da violência dentro das escolas é reflexo da sociedade, que está fragmentada: “é a explosão da sociedade e os confrontos tornam-se inevitáveis”, analisa ele em março de 2002. A realidade presente nos estabelecimentos de ensino, acredita, é consequência da crise de valores que a sociedade enfrenta. Ele ressalta que a escola é um elemento importante para retornar o processo de integração entre as pessoas. “Por isso, pais e educadores devem participar, para que a escola seja fruto de uma ação coletiva.” Hadji sustenta que essa mudança pedagógica é um grande desafio, pois as escolas têm que vencer as forças de desmantelamento e acompanhar a revolução tecnológica.

Refletir criticamente sobre as normas morais, buscando legitimidade na realização do bem comum, atuar com discernimento e solidariedade, conhecendo seus direitos e responsabilidades, identificando problemas e debatendo coletivamente possíveis soluções.

3.1 MEDIDAS CONTRA A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Existe a “rede proteção” que foi criada em 2000, com o objetivo de reduzir e até prevenir os casos de violência, principalmente a doméstica. O trabalho envolve vários órgãos e entidades que atuam diretamente com crianças e adolescentes, como escolas, unidades de saúde, creches, hospitais, conselhos tutelares, SOS Criança e a Sociedade Paranaense de Pediatria.

Em Curitiba a Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco para a Violência prevê a capacitação para o reconhecimento dos sinais de violência, avaliação da gravidade da situação, notificação e desenvolvimento de ações de proteção à vítima e de ajuda à família.

Outro trabalho educativo que visa a transformação social da sociedade. “A Secretaria

Municipal da Criança, através da Gerência de Programas Sócio-Preventivos, a partir de 1996, vem desenvolvendo sistematicamente campanhas que envolvem ações preventivas, onde as crianças e adolescentes passam a ser protagonistas de uma história que estão ajudando a construir, com histórias em quadrinhos, composição de raps, como atletas na corrida rústica, no fórum de adolescentes, no lançamento do gibi Os piás dizendo sim à vida e não as drogas.” (LUZ,1999, p.43)

Pesquisas na última década mostram que esse cenário não é novo. Já se sabe que por trás dessa violência, e da falta de cuidados com o outro, existe uma cultura de masculinidade que se inicia na família, passa pela escola e termina nas gangues e nos bares.

A novidade agora é um esforço internacional para permitir que o jovem possa se sentir homem sem agredir aos outros e a si próprio.

O projeto H quer dizer Homem, começou a ser pensado em 1998, quando a Organização Mundial da Saúde(OMS) passou a prestar mais atenção nos adolescentes homens. Nessa época, encontros sobre “masculinidade” constataram que não havia prevenção da violência para os rapazes, embora a América Latina seja campeã de homicídios.

O vídeo “Minha Vida de João”, desenho animado dirigido por Reginaldo Bianco, vem para quebrar o ciclo dessa relação de violência passada de pai para filho. Percebemos a questão de gênero bem grave nas escolas, onde o perfil dos alunos nas brigas e confusões são observadas de forma diferentes com relação as alunas, que jamais poderiam agir dessa maneira.

Outro projeto bem presente nas escolas estaduais e municipais, são as pesquisas de campo desenvolvidas pelos educadores, destacando a questão disciplinar, que não foge do trabalho abordado até o presente momento.

Propor aos alunos um trabalho de pesquisa, tendo como tema os principais tipos de violência na escola. Criar um mural para registrar as conclusões do grupo. Produzir com os alunos material no qual sejam destacadas formas de superação do problema.

O tema da paz é parte essencial da luta por um outro mundo possível, justo, humano, pacífico, em que os conflitos se decidam por negociações e atendendo de forma equitativa a todas as partes que possam juntos desenvolver ações que reintegrem os excluídos à comunidade, valorizem a vida, previnam e combatam a violência nas nossas escolas.

Trata-se do assunto no Brasil, construído diversas iniciativas questão se concretizando na forma de legislação e/ou experiências da sociedade civil organizada. Diante de gravidade do

problema, surgem a cada dia novas manifestações e propostas, que expressam, o inconformismo da sociedade com a incorporação da violência no cotidiano de cada cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência simbólica é mais difícil de ser percebida do que a violência física, porque é exercida pela sociedade quando esta não é capaz de encaminhar seus jovens ao mercado, quando não lhes oferece oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de interesse e de significado para a vida dos alunos, ou quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes, abandonam os estudantes à sua própria sorte, desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento. Mas refere-se, também, à violência que sofrem os professores quando são agredidos em seu trabalho.

Um papel relevante cabe também aos que pesquisam e teorizam sobre a educação e seus mestres. Como esses atores vêem a escola e a inovação? A sociedade é vista como arcaica, os professores como tradicionais, os currículos como obsoletos. “A escola está em crise”. É verdade? Quando será superada essa visão preconceituosa e elitista? Quando os saberes e as habilidades requeridos pela economia e pelo emprego mudarem, a instituição escolar tem de mudar.

Estamos sentindo a necessidade de oportunizar momentos de discussão sobre a violência no contexto da nossa sociedade, justificando desta forma, destaca-se “No modelo da cultura da Paz, a violência é entendida como uma enfermidade coletiva que pode manifestar-se tanto por expressões individuais, grupais ou institucionais. A cura dessa enfermidade exigirá mudanças culturais, espirituais, sociais, de parte de todos.”(FEIZI, 2000, p.3)

Por que, nessa concepção, a qualidade é medida pelo êxito ou pelo fracasso dos alunos em aprender os conteúdos. Quando se proclama que a escola está em crise ou que tem baixa qualidade, não se demonstra, como prova que a repetência e a evasão continuam altas, que a escola não é capaz de fazer com que nossa infância e nossa adolescência aprendam, os conteúdos do programa?

Até quando esse reducionismo conteudista nos impedirá de alargar a nossa visão do sistema de Educação Básica, de entender de modo mais abrangente essa instituição construída pela modernidade e pelos modernos movimentos sociais e culturais?

A escola não está fora dos debates, mas, que lugar tem ela ocupado? O pensamento crítico tem chegado à escola? Tem dialogado com seus professores? Tem conseguido inovar a prática e a cultura escolares?

Conseguimos mudar a educação escolar ou esperamos que essas mudanças ocorram por acréscimo? Conseguimos entender melhor a concretude de nossa Educação Básica e de seus currículos?

Qual a influência de uma teoria, por mais crítica que seja, na inovação da prática escolar e curricular? Não deveríamos nos questionar profundamente acerca disso?

É necessário um caminho metodológico que articule no momento da produção do conhecimento, a teoria e a prática, permitindo que o concreto seja compreendido pela mediação do abstrato, e o todo através da mediação da parte, dando suporte às intervenções para a transformação da realidade.

Faz-se necessário abrir momentos de discussões com a comunidade escolar, educadores e alunos sobre os problemas que estão interferindo na função propriamente dita da escola com relação ao conhecimento. Neste contexto histórico a dinâmica escolar vivenciará outro momento, de estar relatando no seu projeto político pedagógico as propostas a serem viabilizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lucia de A E. Martins, Maria Helena P. **Filosofando: introdução à filosofia.** São Paulo: Moderna, 1986.

ARANTANGY, Lidia Rosenberg. **A violência na escola.** Caderno da TV escola PCN, Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação a Distância 1998.

AZEVEDO, M. A & GUERRA, V.A. (org). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento.** São Paulo: Cortez, 1997.

BOTTOMORE, T. **Dicionário de pensamento marxista.** Rio de Janeiro: Zabar, 1988.

BOURDIEU, P. **Contrafogos: Táticas para enfrentar a invasão neoliberal.** Rio de Janeiro: Jorge Zabar Editores, 1998.

BRANDEN, N. **Auto-estima. Como aprender a gostar de si mesmo.** 32. Ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARDIA, N. **A violência urbana e a escola.** In: **Contemporaneidade e educação.** ano II, n. 2, Rio de Janeiro:IEC,1997.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si.** São Paulo: USP. Tese de doutorado.2000

CAVALCANTE, Rodrigo. **Mente que Mata** Revista Super Interessante. São Paulo, abril edição 175, 2002.

CHESNAIS, Jean Claude. **A violência no Brasil: causas e recomendações políticas para a sua**

prevenção. Ciência & Saúde coletiva, n. 4, 53-69, 1999.

COSTA, J.F. O medo social: reflexões para o futuro. Veja 25 anos, p.83-89, 1993.

DEBARBIEUX, Éric. La violence dans la classe. Paris; ESF.1990

_____. **La violence en milieu scolaire: État des lieux (1).** Paris: ESF. 1997.

_____. **Le professeur et le sauvageon: violence à l'école, incivilité et postmodernité.** Revue Française de Pédagogie. La violence à l'école; approches européennes. Numéro 123. Paris: Institut National de Recherche Pédagogique.1998

ELIAS, Norbert. O Processo civilizatório. Rio de Janeiro: Zabar, 1990. V.2.

FEIZI, M. Milani. Cidadania: construir a paz ou aceitar a violência? São Paulo. Editora Planeta, 2000.

FIGUEREIDO, Luís Cláudio M. Adolescentes e violência: considerações sobre o caso brasileiro. In: **Adolescência pelos caminhos da violência.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

Folha de São Paulo. **Violência policial civil.** 2002, pg.01

_____. **Infância segundo a polícia de Rio.** 2002.

_____. **Pesquisa mapeia exploração sexual no país.** 2002

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Histórias da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

DIMENSTEIN, Gilberto. Ao mestre com porrada. São Paulo, 2000.

GOLDSTEIN, Ilana. **Quem foi? Pierre Bordieu**. Revista Super Interessante, Edição 175 abril 2002.

JORNAL GAZETA DO POVO. **Jovens em guerra**. Curitiba, 26/04/2002.

LEWIS, Luciana, **Pais da rede particular batem mais**. Jornal do Estado, Curitiba, ano 18, de maio de 2002.

LUZ, A.A. da. **A (re) construção da educação no Brasil**. In: **SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. A (re) construção da educação no Brasil**. Documenta. São Paulo: SBPC, 1995. N.3.

_____ WOSNIAK, F. L; SAVI, C.A. **Vulnerabilidade ao abuso de drogas e a outras situações de risco**. Curitiba, Editora UFPR, n.15, p. 37-51, 1999.

MORIM, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, São Paulo, Cortez, 2001.

PASCOLAT, Gilberto. **Violência no lar contra a criança**. Revista Educar, nº 15, 1999.

PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

TONIN, M. M. **Análise conjuntural da realidade mundial e brasileira na atualidade**. In: **Seminário Criança e Adolescente em Situação de Risco: uma compreensão necessária** Anais. Curitiba: ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA CIDADE DE CURITIBA/IMAP, 1996. (Universidade de Brasília, 2001).

WASELFISZ, Jacobo. **Mapa da violência: os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

TEIXEIRA, Zaqueu. **Violência policial civil anunciou operação com o objetivo de resgatar**

credibilidade da corporação...Folha de São Paulo, 2002.